

DISCURSO POLÍTICO DE RENÚNCIA: UMA ANÁLISE TEXTUAL

POLITICAL SPEECH OF RESIGNATION: A TEXTUAL ANALYSIS

Maria Eliete de Queiroz*

RESUMO

O presente artigo analisa a estrutura composicional do gênero discurso político de renúncia do senador Antônio Carlos Magalhães (ACM). A teoria da pesquisa pauta-se na Linguística Textual e na Análise Textual dos Discursos – ATD – em Adam (2011). O procedimento metodológico e analítico volta-se para a forma de constituição das sequências textuais e do plano de texto do discurso de renúncia. Pela análise, observamos que o discurso de renúncia apresenta uma estrutura composicional composta por blocos temáticos diversos que formam as proposições enunciadas no aspecto global do texto. As etapas que seguem o plano de texto obedecem a seguinte ordem: abertura, parte intermediária e encerramento intermediário conclusivo que são construídas pela mesclagem de sequências narrativas, descritivas, explicativas e argumentativas. A sequência argumentativa é a predominante na construção da materialidade textual. Nesse sentido, o discurso de renúncia leva em conta as especificidades do nível textual e apresenta a genericidade complexa de um discurso político de renúncia.

Palavras-chave: Discurso político. Estrutura composicional do gênero. Plano de texto.

ABSTRACT

This paper analyzes the compositional structure of the genre political speech of resignation delivered by the Senator Antonio Carlos Magalhães (ACM). The research theory is based on text linguistics and textual analysis of discourses - TAD - in Adam (2011). The methodological and analysis procedures were conducted according to the constitution of textual sequences and the resignation speech text plan. In this analysis, we were able to see that the resignation speech presents a compositional

* Professora Doutora da UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Departamento de Letras Estrangeiras do Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia”. Pau dos Ferros – RN – Brasil. 59900-000 – eliete_queiroz@yahoo.com.br

structure made up of several thematic blocks which form the propositions stated in the global aspect of the text. The steps which follow the text plan are the following: opening, intermediate part and intermediate closing which are built by blending the narrative, descriptive, explanatory and argumentative sequences. The argumentative sequence predominates over the construction of the text materiality. Thus, the speech of resignation takes into account the particularities of the textual level and presents a complex genericity of a political speech of resignation.

Key-words: Political discourse. Genre compositional structure . Text plan.

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa a estrutura composicional do gênero político de renúncia do Senador Antônio Carlos Magalhães (ACM), proferido em 30.05.2001. O quadro teórico, no qual nos situamos, é o da Linguística do Texto e, de forma mais específica, o da Análise Textual dos Discursos (ATD), abordagem desenvolvida por Adam (2011), objetivando analisar a produção co(n)textual de sentido, sempre fundamentada na análise de textos concretos.

Pretendemos compreender o texto em sua forma de composição e organização das proposições, das sequências que formam a materialidade textual. Metodologicamente, a pesquisa tem o enfoque qualitativo. Para a análise, observamos como se apresenta a dinâmica organizacional do plano de texto do discurso político de renúncia.

Na seção a seguir, apresentamos a Análise Textual dos Discursos (ATD) como abordagem teórico-metodológica, focalizando as sequências e o plano de texto como níveis de análise textual.

A ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS: ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA LINGUÍSTICA DO TEXTO

A Análise Textual dos Discursos (ATD) é uma área de perspectiva teórica, metodológica, descritiva e interpretativista que concebe “o texto e o discurso em novas categorias” que se complementam e são condicionadas mutuamente (ADAM, 2011 p. 24). Assim sendo, podemos interpretar que a ATD tem a sua origem na Linguística Textual (LT), mas que a sua perspectiva teórico-metodológica se enquadra na área da Análise do Discurso (AD).

Para inserir a ATD nesse contexto de discussão, a LT passa a ser entendida como um subdomínio do campo da AD, relacionando, dessa maneira, discurso/análise de discurso ao texto/análise textual, deixando claras a associação e a união entre os dois campos.

Nesse sentido, ocorre a interface entre a Linguística do Texto e a Análise do Discurso, que constituem a ATD como articuladora do campo textual e do campo discursivo, intermediada pelos gêneros textuais.

Com base nessa vinculação, Adam (2010, p. 97) discute que todo texto passa a ser entendido em dois campos: o primeiro é o de forças centrífugas, que está relacionado aos fatores externos “que vão da intertextualidade às condições materiais e sócio-históricas de produção, passando pela identidade do orador encenada na enunciação e nas escolhas relativas do gênero”.

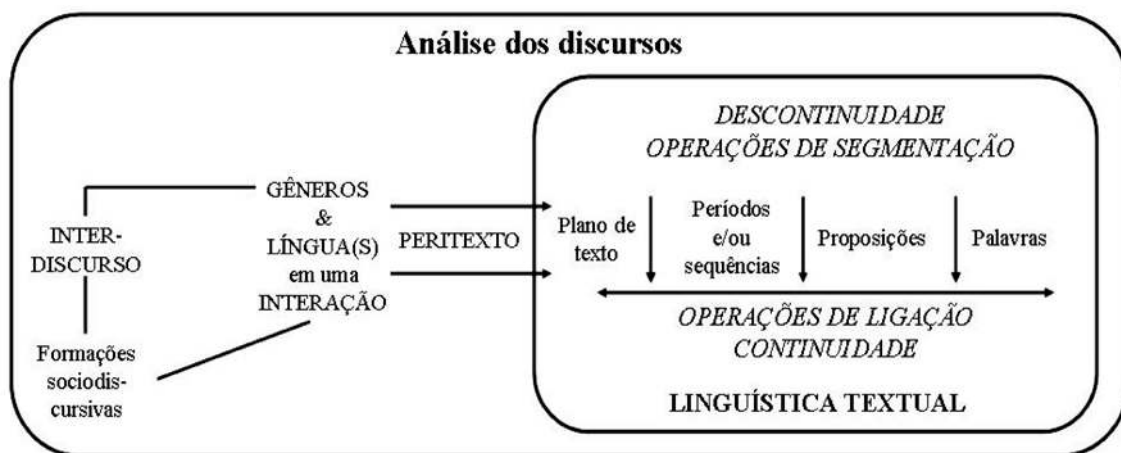
O outro campo é o de forças centrípetas, o qual permite ao texto ganhar unidade de sentido, a partir da composição de suas partes internas e lineares, que constroem a sua macroestrutura constituída pelos elementos linguístico-gramaticais que sinalizam a produção de sentido do texto.

Os elementos textuais se encarregam de estabelecer e organizar a composição sequencial do texto, no eixo horizontal, orientando-o argumentativamente. Já as categorias do discurso objetivam compreender como acontece essa composição e organização textual, tendo em vista as práticas discursivas em que o gênero é produzido, fazendo-se compreender e circular na sociedade.

A aproximação que a ATD faz da LT e da Análise do Discurso se destina a encontrar e construir um pressuposto que dê conta, ao mesmo tempo, da análise linguística e discursiva dos textos, analisando e refletindo a materialidade textual em conjunto com as condições socioculturais e políticas em que o texto é construído e adquire sentidos. Adam faz a articulação situando a ATD em um campo que se responsabiliza de integrar o texto no quadro das práticas discursivas.

Seguindo essa direção, o texto é a unidade semântica ligada ao seu contexto de produção e de circulação. Por isso, a ATD relaciona e correlaciona as forças interiores ao texto a suas forças exteriores. Assim sendo, o texto é produto das relações culturais, sociais e históricas em que foi produzido, ou seja, concretiza-se e ganha sentido dentro do seu contexto de produção, a partir da efetivação das práticas sociais.

Os elementos que constituem o plano do texto e o plano do discurso são propostos por Adam (2011) no esquema 1.



Esquema 1 - Determinações textuais "ascendentes" e regulações "descendentes".
Fonte: Adam (2011, p. 43).

Os fenômenos linguístico-discursivos no Esquema 1 nos faz compreender que os elementos textuais à direita estão como um subdomínio da Análise do Discurso. No lado direito, está localizada a Linguística do Texto, em que estão dispostos os elementos ascendentes que pertencem à categoria da língua, começando da menor unidade, que é a palavra, e indo à unidade de maior complexidade, que é o plano de texto. Essas operações estão à disposição do falante para a construção e a compreensão de textos, uma vez que são esses os elementos que constroem o texto.

No lado esquerdo do esquema, estão os elementos que se encarregam de situar o texto no contexto das formações discursivas, ou seja, o que é dito pelo enunciador no seu texto aparece sob a forma de um gênero, em uma dada situação de interlocução, a qual presume um sujeito envolvido em uma atividade humana, em que o seu discurso dialoga com outros enunciados pertencentes a outros lugares sociais.

A união dos dois lados (esquerdo e direito) dá origem à Análise Textual dos Discursos, a qual passa a entender os elementos linguísticos do texto integrados aos fenômenos do campo

discursivo. Na abordagem proposta por Adam (2011), texto e discurso são pensados em um vínculo de proximidade que articula as novas categorias que elevam a LT ao quadro mais amplo da Análise do Discurso (AD).

Assim procedendo, o papel da LT no cenário da AD é teorizar e descrever os encadeamentos dos enunciados que formam o texto em sua complexidade. Na definição, o autor articula a tríade: texto, gênero e discurso, construindo os campos de análises textuais e discursivas como categorias próprias que (re)definem os elementos para se estudar e refletir a materialidade textual.

Esse é o grande avanço teórico-metodológico dado por Michel-Adam para essa perspectiva de análise. Com base nessa proposta, a LT vai se encarregar de “detalhar as ‘relações de interdependência’ que fazem de um texto uma ‘rede de determinações’” (ADAM, 2011, p. 63).

OS PLANOS DE TEXTO NO CAMPO DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Para adentrar na discussão sobre os planos de texto, retomamos o debate de que o texto, para formar o seu todo semântico organizado, precisa ser encadeado por períodos, formando a sequenciação de um plano textual. Adam (2011, p. 283) afirma que “compreender um texto é ser capaz de **passar da sequência** (ler-compreender os enunciados como vindo um após os outros) **à figura** (configuração inteligível de relações)” (grifo do autor).

O autor assume o posicionamento de que “a operação configuracional pode ser definida como o fato de **instituir** na produção e de **depreender** na interpretação **uma configuração a partir de uma sucessão**” (p. 283) (grifo do autor). Essa sucessividade compreende a articulação entre os seguintes segmentos: a proposição enunciado; o período; o plano de texto e as sequências descritivas, narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas, por exemplo.

Os planos de texto são estudados em sua materialidade e estão relacionados à textura, à configuração, à segmentação de proposições e dos enunciados que formam os períodos, construindo assim o campo composicional, formado pelas sequências de base que encadeiam a unidade semântica do texto.

Esses planos assumem um importante papel na construção da macroestrutura do significado do texto, eles são responsáveis pela base de composição do texto e nos permitem analisar a sequência que predomina diante do gênero textual escolhido pelo produtor.

Na mesma direção, postula-se que o plano de texto pode ser convencional (fixo), determinado pela história do gênero e/ou pela sua estruturação. Pode ser ocasional, quando é considerado deslocado em relação à história dos gêneros, ou seja, são aqueles mais flexíveis e propensos a mudarem de acordo com a formação discursiva e o contexto no qual é usado.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Passeggi et al. (2010, p. 297) apresentam as definições dos dois planos:

Quanto aos planos de texto fixos, pense-se, por exemplo, na estrutura de um verbete de dicionário, de um artigo científico, das estruturas literárias cristalizadas (estruturas formais da poesia, da dramaturgia) ou, na escritura jurídica, as estruturas da série: petição>contestação>sentença. Os gêneros acadêmicos também pertencem, de forma geral, aos planos de textos fixos.

Quanto aos planos de texto ocasionais, os autores discutem:

Os planos de texto ocasionais são mais abertos e flexíveis. [...] abrangem o editorial, a canção, as peças publicitárias, o discurso político, o romance. Esses

planos, com frequência, fogem à estruturação clara de um gênero ou subgênero de discurso. As partes ou segmentos do texto são marcados por uma variedade de recursos, textuais e peritextuais (PASSEGGI et al., 2010, p. 297).

Podemos entender, com base nas concepções acima, que os dois planos estão à disposição do falante-ouvinte e produtor de textos para a construção de seus enunciados, que sempre estarão dispostos em um determinado gênero. Tais enunciados proporcionam as diferentes possibilidades de que dispomos no uso da linguagem, para construí-los de acordo com as nossas necessidades sociais e discursivas.

Assim, compreendemos o quanto o texto é flexível, instável e passível de mudar de acordo com os objetivos de sua produção e circulação. Nessa perspectiva, compreendemos a flexibilidade de construção de um texto tendo em vista o agrupamento dos enunciados escolhidos para formar o plano de texto.

No que se refere às sequências, elas se dividem em homogêneas, heterogêneas e dominantes. As homogêneas são aquelas combinadas por um mesmo tipo, por exemplo, em um mesmo período aparece apenas a descrição, dependendo do gênero que se está construindo.

As heterogêneas são as diferenciadas que se combinam entre si, sendo o tipo mais frequente de organização textual, de forma mesclada, nas quais teremos sequências descritivas e narrativas em uma mesma ordem.

As dominantes são as que predominam em um dado texto, ou seja, o texto é predominantemente argumentativo, narrativo, entre outras caracterizações, podendo também aparecer outros tipos de sequências alternadas. Como exemplo, podemos adiantar que, nos discursos de renúncia, predominam as sequências argumentativas.

Adam ressalta (2011, p. 258) que “os planos de texto estão, juntamente com os gêneros, disponíveis no sistema de conhecimentos dos grupos sociais. Eles permitem construir (na produção) e reconstruir (na leitura ou na escuta) a organização global de um texto, prescrita por um gênero”. Nesse direcionamento, o plano de texto se responsabiliza pela estrutura-composição do texto.

Do ponto de vista da composição e organização textual, são as sequências textuais que irão ajudar na formação desses planos, no momento em que estamos construindo nossos textos, pois um texto só é reconhecido como tal na união das suas partes para formar o seu todo significativo em um desses planos.

Adam (2011, p. 255-256) acrescenta que “um texto pode ser constituído de trechos sucessivos formando subconjuntos em seu interior” e que “o reconhecimento do texto como um todo passa pela percepção de um plano de texto, com suas partes constituídas, ou não, por sequências identificáveis”.

Entender esse encadeamento sequencial implica compreender que essas partes vão construir o todo do texto. A organização desse todo é classificada em formas homogêneas e heterogêneas. Os estudiosos da ATD no Brasil, entre eles Passeggi et al. (2010, p. 296), no que diz respeito à estruturação das sequências, discutem:

Um texto pode ser formado por uma única sequência, mas trata-se de um caso pouco frequente. A situação mais habitual é o encadeamento de várias, que pode acontecer de duas formas: entre sequências do mesmo tipo (homogêneas) ou, mais comumente, de tipos diferentes (heterogêneas).

A heterogeneidade das sequências narrativas, argumentativas, explicativas, descritivas em um mesmo texto é o caso típico de construção de nossos textos. Em decorrência disso, para Adam,

elas são modelos macro de organização textual, sendo determinadas em um texto de acordo com o gênero produzido.

Adam (2011, p. 271-272) resume em três agrupamentos o encadeamento das sequências:

1. Tipos de sequências na base dos agrupamentos
 - . agrupamento unissequencial (o mais simples e o mais raro);
 - . agrupamento plurissequencial:
 - homogêneo (um único tipo de sequências combinadas);
 - heterogêneo (mescla de sequências diferentes).
2. Combinações de sequências:
 - . sequências coordenadas (sucessão);
 - . sequências alternadas (montagem em paralelo);
 - . Sequências inseridas (encaixamento).
3. Dominante (efeito de tipo de texto):
 - . pela sequência matriz (abrindo e fechando o texto);
 - . pelo maior número de sequências de um mesmo tipo;
 - . pela sequência pela qual o texto pode ser resumido.

A organização de um texto em sequências, de acordo com a teoria apresentada, faz-nos crer que todo e qualquer plano de texto precisa ser construído tendo em vista a forma de estruturação complexa de sequências que um texto exige. Nesse sentido, dificilmente um texto pode ser monossequencial, pois ele é organizado, na maioria das vezes, por sequências diferentes. Nesse caso, obteremos a sucessividade dessas sequências combinadas em um nível hierárquico ou dominante.

Fazer a análise descritiva de um texto, tendo em vista o estudo das sequências, é considerar que os textos são analisados em função da forma como os conteúdos estão organizados, visando a uma compreensão de como o texto funciona no seu plano global, através de uma definição das operações utilizadas pelo locutor ou receptor para a produção e recepção dos textos (BRANDÃO, 2001).

Passeggi et al. (2010, p. 63) reafirmam que “as sequências constituem, hoje, uma categoria de análise consolidada e, regularmente, utilizada nas descrições de textos, de grande interesse pelas suas aplicações ao ensino de língua portuguesa e de língua estrangeira”. Desse modo, para que o texto seja construído, de forma que atenda aos pressupostos semânticos e pragmáticos, é preciso que seja encadeado em unidades que marquem a sequenciação do plano do texto, em uma sucessão formada por partes que produzem uma unidade de sentido, realizando-se em um contexto. Essa unidade de sentido, para Adam (2011), é uma unidade semântica e pragmática denominada “configuracional”, porque nela estão inclusas as partes do enunciado que forma o todo organizado do texto.

O texto deixa de ser entendido como um objeto abstrato e passa a ser visto como uma unidade concreta de produção textual, ou seja, um produto verbal e social, que pertence a e se atualiza em um determinado gênero, formado por várias sequências discursivas, com elementos que trazem a marca e a representação de quem o produziu em uma instância comunicativa real.

O DISCURSO POLÍTICO

De acordo com Bonini (2005, p. 210), os gêneros, para Adam, “são dispostos em categorias pelos traços que compartilham com as sequências. Gêneros como o romance, o conto, o laudo, e a notícia comporiam a categoria dos gêneros narrativos, pois seriam atravessados pela sequência

narrativa”. O discurso político de renúncia, enquanto gênero, comporia a categoria dos gêneros argumentativos, pois seria atravessado pelas sequências argumentativas.

Para Aquino (2003, p. 196), o discurso político “engloba as diversas formulações, tanto na modalidade falada, quanto na escrita, elaboradas durante a atividade discursiva a que os políticos estejam engajados”.

De acordo com as discussões apresentadas por Charaudeau (2008), no campo das ações políticas e por meio da linguagem, instauram-se relações de força e de poder, que interagem ao mesmo tempo com a ação política, com as instâncias políticas e com os valores que são atribuídos a essas ações. Incluímos, nesse contexto de discussão, o discurso político.

Sob o olhar teórico de Osakabe (1999, p. 217), o discurso é compreendido como “[...] um todo, semanticamente organizável, no plano da ação que o caracteriza e dos efeitos que provoca”. Assim é que, ao se referir ao discurso político, o autor distingue dois tipos: o discurso político-teórico e o discurso político-militante. Ao lado do primeiro, o autor coloca o ato de convencimento e ao lado do segundo tipo, o ato de persuadir. Essa diferença existe devido aos objetivos específicos de cada discurso e ao público a que cada um se direciona.

Caracterizamos o discurso político de renúncia como discurso político-militante, pois, ao decidir pela renúncia, o locutor quer convencer e persuadir os alocutários sobre a culpa ou não no caso de corrupção em que foi envolvido.

O DISCURSO DE RENÚNCIA DE ACM E OS NÍVEIS DE ANÁLISE TEXTUAL

A partir do ano de 2001, a sociedade brasileira começou a assistir a pronunciamentos de discursos de renúncia nos plenários do Senado e da Câmara Federal, por envolvimento de parlamentares em casos de corrupção e quebra de decoro parlamentar.

O discurso de renúncia se constitui em um texto escrito que aparece materializado em um suporte institucionalizado: a Ata do Senado Federal, para os discursos de Senadores, e as Notas Taquigráficas da Câmara Federal, para os discursos dos Deputados. Nesse sentido, o discurso de renúncia é um texto institucionalizado, escrito-oralizado, uma vez que é preparado para ser lido em Plenário das Casas Federais (Câmara e Senado). É um documento de caráter público, divulgado em ato solene, escrito por um político (ou sua assessoria) e que tem como objetivo anunciar a renúncia de um cargo que este ocupa.

Assim, o classificamos como uma entidade empírica que possui características particulares em sua forma de organização e composição, mas que não obedece a um plano de texto fixo, e, sim, a um plano de texto ocasional, conforme classificação de Adam (2011).

O texto apresenta uma forma de organização que lhe é peculiar, no seu aspecto formal e que leva em conta as condições específicas de produção do gênero, estabelece o processo dialógico entre os que desempenham papéis bem definidos. Há um objetivo visado desse gênero, uma vez que pressupõe a existência da esfera política e está, necessariamente, vinculado a ela.

Em relação à disposição organizacional dos conteúdos e aos elementos que o constituem, observamos que o discurso de renúncia possui as seguintes características: conserva a abertura do texto, que é seguida de saudação inicial aos parlamentares, para logo em seguida apresentar, explicar, historiar ou justificar os fatos que antecedem o motivo de o parlamentar ir ao plenário realizar uma ação sociopolítica e discursiva, que é a de renunciar o seu cargo eletivo.

Adam avalia que os tipos de textos são módulos que organizam os textos e trabalha com a noção de sequências. O autor afirma que as sequências prototípicas são unidades que possuem

certa autonomia sintática no nível da linearidade do texto, sendo o texto concebido como o produto da combinação de diferentes tipos.

Adam restringe a classificação das sequências em cinco estruturas de base, quais sejam: a narrativa, a descritiva, a argumentativa, a explicativa e a dialogal. Elas podem ser intercaladas em um texto com sequências diferentes através do processo de mescla e encaixamentos. Assim, com base no encaixe de uma sequência em outra, constitui a heterogeneidade composicional da maioria dos textos. As sequências de base formam o protótipo, definido por macroposições que se desenvolvem em uma estrutura autônoma e são concretizadas em tipos linguisticamente diferentes.

No discurso de renúncia, a sequência prototípica argumentativa se apoia nas formas de raciocínio dedutivo e indutivo, que partem sempre do conhecido para o desconhecido. É a sequência que procura intervir sobre o ponto de vista, o comportamento ou a atitude de um alocutário perante um determinado público. Essa intervenção se dá com o objetivo de tornar um enunciado aceitável, apoiado em outro, para a defesa do que o locutor faz de seu ponto de vista. Os argumentos constituem as premissas básicas que têm a intenção de confirmar ou refutar uma determinada proposição ou conclusão.

O plano de texto do discurso de renúncia apresenta uma dinâmica interna de organização:

i) a abertura do discurso, que consta da saudação, da explicação ou apresentação dos fatos que revelam o motivo da renúncia, as críticas e a defesa de si mesmo. Na abertura, verificam-se passagens narrativas, explicativas e argumentativas. Poderíamos nomear essa primeira parte do discurso de parte introdutória. Vejamos uma passagem do discurso em que mesclam sequências descritivas, narrativas e argumentativas.

(1) Há mais de três meses as atenções do País estão voltadas para mim, como se eu fosse o principal problema do Brasil. Aliás, como se eu fosse algum problema para o Brasil. É a tática do diversionismo. Falam de Antônio Carlos, submetem-no ao mais torpe processo de linchamento político de que se tem notícia na história do País, enquanto as questões mais cruciais, quer no plano econômico, quer no plano moral, continuam a se agravar diante da inércia e da incompetência de seus principais governantes.

ii) a segunda parte é a intermediária, na qual há o desenvolvimento do núcleo argumentativo, com a mescla de sequências narrativas que envolvem os fatos da vida social e política do Senador, inclusive ascensão política e social dele. Consta o motivo das acusações feitas, as explicações dos fatos que motivaram a renúncia e as retrospectivas do caso em evidência. Nessa parte, a narrativa ocorre como justificativa de inocência do político no caso envolvido. Ele não assume o erro, não assume a derrota e a renúncia é a comprovação do seu retorno, por meio do voto em uma outra eleição. A seguir uma das passagens da parte intermediária do discurso de ACM que elucida algumas explicações:

(2) Fui submetido, repito, a um tratamento injusto, mas sobretudo covarde, que rejeito como Senador, mas que rejeito, acima de tudo, como cidadão de largos serviços prestados ao meu País e, por isso mesmo, merecedor do respeito dos meus concidadãos. Um tratamento muito mais digno e respeitável do que merecem alguns dos meus algozes, que nunca tiveram, não têm e certamente jamais terão os atributos morais que, perdoem-me a modéstia, fizeram da sigla ACM, mais que uma sigla, uma legenda viva, que ninguém vai destruir assim, sem mais nem menos.

iii) a terceira parte é o encerramento intermediário conclusivo do discurso, que antecede o final, constando da despedida, dos agradecimentos, do anúncio da saída do parlamentar e da pre-

visão da sua volta, a renúncia é feita textualmente. Essa parte é marcada pela mescla das sequências explicativas e argumentativas.

(3) Sr^{as} e Srs. Senadores, estou deixando hoje esta Casa. Deixo-a convencido de tê-la honrado, sobretudo quando a presidi por duas vezes. Tornei-a ativa e independente, respeitada. Criei áreas de atrito, é verdade, mas nenhuma Casa legislativa se faz ativa – V. Ex^{as} sabem disso –, independente e respeitada sem atritos, desde que respeitosos e construtivos.

O plano global se organiza tendo em vista os elementos linguísticos que compõem a materialidade textual. São eles também que fazem as ligações entre palavras, proposições, períodos e/ou sequências para compor o plano de texto, estabelecendo as relações de continuidade e progressão que o texto precisa ter para ganhar sentido.

A seguir, apresentamos a descrição do plano de texto do discurso de renúncia de ACM por meio do Quadro 1:

Quadro 1 - Plano de texto.

Abertura (L1-16): saudação inicial e um quadro descritivo da situação de acusação (verdade/mentira) vivida pelo locutor. Em seguida a apresentação dos fatos (L17-22).
Sequência argumentativa (L24-131) em passagens narrativas: avaliação negativa e críticas ao governo FHC, esclarecimentos e prestação de contas para provar que não cometeu crime de falta de decoro (L132-174).
Passagens narrativas com descrições sobre a vida do parlamentar antes e depois das acusações de quebra de decoro (L175-235).
Explicações sobre a rivalidade entre locutor e presidente do senado, seguidas de descrições sobre os membros do conselho de ética (L236-321).
Narração e descrição das ações parlamentares e do Senado Federal em conspiração contra o locutor (L322-397).
Defesa de si mesmo (L398-421).
Explicações e justificativas sobre o papel exercido como parlamentar (L422-493). A escolha de voltar para a Bahia.
Síntese da justificativa de renunciar o mandato de Senador (L494-542).
Encerramento final e renúncia propriamente dita (L543-584).

O percurso de organização textual do discurso é proporcionado pela materialidade do co(n) texto, que é organizado pelo elementos linguísticos que constroem a coerência textual. Em vista disso, o discurso de ACM foi construído em uma situação real de comunicação e de interação humana, como um ato de ação.

Exemplifiquemos com a parte introdutória que ACM faz em seu discurso, ao se dirigir aos seus pares:

(4) Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, Srs. Parlamentares [...]. Há mais de três meses as atenções do País estão voltadas para mim, como se eu fosse o principal problema do Brasil. Aliás, como se eu fosse algum problema para o Brasil. É a tática do diversionismo. Falam de Antônio Carlos, submetem-no ao mais torpe processo de linchamento político de que se tem notícia na história do País [...].

O texto possui uma genericidade complexa, segue um plano de texto que constitui blocos temáticos diversos, materializando o conjunto das proposições enunciadas, que constrói os parágrafos

e as sequências. No caso do discurso de renúncia, a sequência argumentativa é a que predomina, mas se mescla a outras sequências do tipo explicativas, narrativas e descritivas. O discurso político segue o plano de texto ocasional, pois não obedece a um modelo fixo de composição. De acordo com Adam (2011), o modelo fixo seria o modelo padrão, canônico de organização de um gênero.

ACM inicia o discurso apresentando um cenário de injustiça, de erro e de mentira armado contra ele, colocando-se do lado da justiça e da verdade, por se assumir inocente e vítima de uma farsa, que, segundo ele, foi montada por seus adversários políticos, no Senado Federal.

Assim ele inicia o discurso:

(5) Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, Srs. Parlamentares no momento em que a maior justiça se encontrou com a maior injustiça e no dia em que o erro supremo se defrontou com a suprema verdade, nesse dia, o juiz, o representante do Poder Estatal, que era Pôncio Pilatos, em face à perturbadora fúria e em face das multidões arrebatadas, esquecendo-se dos deveres morais que incumbiam à sua pessoa e dos misteres políticos que incumbiam ao seu cargo, respondeu com estas palavras melancólicas: Mas o que é a verdade?

Esse trecho da abertura constitui cópia de uma parte do discurso do Deputado Afonso Arinos, proferido no dia 09.08.1954, no qual esse Deputado pede ao Presidente do Brasil na época, Getúlio Vargas, que renuncie ao seu mandato.

A maneira como o locutor iniciou o seu discurso tenta evidenciar que há injustiça praticada contra ele, por isso defende que está do lado da verdade e da justiça, portanto, pertencendo o mesmo espaço ocupado por Jesus, com quem ACM estabelece comparação. De outro lado, está o erro, a inverdade, a injustiça, que ACM coloca para aqueles que o acusam de ter participado da violação do painel eletrônico do Senado, possivelmente, o mesmo lado de Pôncio Pilatos.

O discurso de ACM é composto de blocos temáticos que organizam o conjunto de proposições-enunciadas, formando o todo composicional do texto. ACM estabelece o momento de crise parlamentar em dois blocos diferentes: o primeiro articula justiça/injustiça em “maior justiça... maior injustiça”, o segundo articula verdade e mentira em “erro supremo....suprema verdade”.

Podemos afirmar que esses dois blocos norteiam o seu percurso político. Observamos que os referentes “justiça”, “injustiça”, “erro”, “verdade”, “mentira” vão permear a rota do discurso de ACM, para explicar qual a verdade e qual a mentira que lhe foi posta. Portanto, ao apresentar essa sequência de nomes-substantivos, ACM deixa implícito seu não envolvimento no caso de violação do painel do Senado Federal.

Para os nomes “justiça”, “injustiça”, “erro”, “verdade” são dadas as caracterizações de “maior”, “supremo”, “suprema”.

Os tempos verbais são heterogêneos, mas há a predominância do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo, mesclando com os tempos próximos que são o imperfeito e o futuro do indicativo. O pronome “eu” é a pessoa verbal do discurso.

No discurso, há uma oratória bem específica do político que renuncia ao cargo e se coloca como inocente e vítima de injustiça. Não assume que cometeu o crime e renuncia para não ter os seus direitos políticos cassados, no sentido de garantir o direito de retornar à vida política, via processo eleitoral.

(6) Meus senhores e minhas senhoras, embora esta Casa tenha sido até hoje a minha segunda Casa, por mais paradoxal que pareça, estou me sentindo num

ambiente de Brutus, com a única diferença: Eu não nasci César e nem em César, os Brutus vão conseguir me transformar. Deixo-os antes da traiçoeira apunhalada final. E que fique bem claro: deixo-os, mas não deixo esta Casa e dela só me afastarei temporariamente. Deixo-os aos que certamente já terão suas máscaras caídas no chão perante o eleitorado dos seus Estados e aqui não pisarão mais, para gáudio daqueles que honraram e ainda honram a história do Parlamento.

O plano oratório do discurso, embora não seja fixo, apresenta o objetivo de envolver o público e este manifesta interesse em acompanhar o desfecho dele. O locutor propõe e defende uma verdade, por meio de exposição de relatos, apresenta provas e rejeita as contrárias a sua defesa e, no final, tenta comover o auditório.

Finalmente observamos que, no discurso de renúncia, há sessões em que o locutor presta conta de sua vida pública e privada, avaliando o motivo da renúncia como sendo de perseguição e de cartas marcadas. ACM tem uma relação com os parlamentares de adversários políticos, diz ser perseguido por eles e pelo poder executivo, duas esferas com que ele mantém posições antagônicas e conflituosas, das quais expressa não fazer mais parte. Não admite ser julgado por eles como aquele que realizou ações de corrupção, o que o faz trazer para o contexto enunciativo denúncias contra eles. Exemplifiquemos com um dos excertos do discurso:

(7) Vejo hoje, com tristeza, que me equivoquei a respeito de alguns que me consideravam justo, íntegro e honesto. Consola-me, contudo, saber que, da época do elogio, que eu supunha justo e sincero, à época do linchamento político, o que é uma grande injustiça, se eles mudaram, eu não mudei. Mudaram, sim, em menos de três meses, como é de hábito; esqueceram o que disseram. Aliás, esquecer o que se diz passou a ser uma norma nesse País. Infelizmente, isso faz parte da vida. Deles não tenho ressentimentos ou mágoa. Com toda sinceridade, deles – não de todos, mas de alguns – tenho pena. Ninguém pode cobrar coerência de incoerentes, muito menos caráter de quem não tem.

Nesse sentido, a caracterização e a apresentação que fizemos do discurso de renúncia nos levam a conhecer, de forma mais sistemática, o tipo de gênero que compõe o nosso *corpus* de análise.

CONCLUSÃO

O nosso estudo enfatiza que a proposta da análise textual dos discursos se insere “na perspectiva de um posicionamento teórico e metodológico que, com o objetivo de pensar o texto e o discurso em novas categorias, situa decididamente a Linguística Textual no quadro mais amplo da análise do discurso” (ADAM, 2011, p. 24).

Em relação à organização composicional do discurso, no geral, analisamos que ele é organizado por blocos temáticos diversos que formam as proposições enunciadas no aspecto global do texto. As etapas que seguem o plano de texto obedecem à seguinte ordem: abertura, apresentação dos objetivos da renúncia e mesclagem de sequências argumentativas, narrativas, descritivas e explicativas, predominando o uso das sequências argumentativas na construção da materialidade textual. Nesse sentido, o discurso de renúncia leva em conta as especificidades do nível textual e apresenta a genericidade complexa de um discurso político.

Concluimos que o discurso de ACM consegue manter a sua relação de força institucional com a sociedade, pois presta conta de sua vida pública, diz ser perseguido pelo poder legislativo e executivo e julga-se vítima, portanto inocente das denúncias feitas contra ele, por isso renuncia

o mandato para não ter os seus direitos políticos cassados e para garantir o direito de retornar à vida política, pelo voto popular, garantia da sua volta ao poder legislativo.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *A Análise Textual dos Discursos: entre Gramáticas de Texto e Análise do Discurso*. Conferência realizada durante a Jornada em homenagem a Patrick Charaudeau: A análise do discurso nas ciências da linguagem e da comunicação, Lyon II, 4 jun. 2010.

_____. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Trad. RODRIGUES, Maria das Graças Soares; SILVA NETO, João Gomes; PASSEGGI, Luis; LEURQUIN. Eulália Vera Lúcia Fraga. São Paulo: Cortez, 2011.

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. O léxico no discurso político. In: PRETTI, Dino (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

BRANDÃO, Helena Nagamine (Coord.). *Os gêneros do discurso na escola*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2008.

OSAKABE, Haquira. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PASSEGGI, Luis et al. A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: LEITE, Marli Quadros; BENTES, Anna Christina (Org.). *Linguística de texto e análise de conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.